

## 5

# ANÁLISE DAS PASSAGENS COLETADAS NO *CORPUS* AGOSTINIANO: O ALCANCE, OS EFEITOS E OS PROCEDIMENTOS DA METÁFORA

### 5.1. ALCANCE

A interpretação da infinidade de metáforas da Bíblia não pode ser feita à deriva, posto que nela estão correlacionados significados de uma tradição religiosa específica. Como foi colocado na introdução desta pesquisa, se as teorias escolásticas da metáfora adotam a perspectiva aristotélica da linguagem – segundo a qual o discurso passível de valor de verdade é o discurso literal –, é embaraçoso lidar com o fato de que as Escrituras Sagradas, que não podem ser relegadas ao terreno da ficção, são repletas de metáforas.

Preocupado em conter a deriva interpretativa nas Escrituras Sagradas, que, sendo o Verbo Divino, devem revelar tão somente a Verdade única e imutável na qual a tradição cristã crê, Agostinho desenvolve um método para a interpretação das metáforas bíblicas que pode ser uma alternativa para a resolução desse “embaraço”. Então, vejamos:

Eis em uma palavra: tudo o que na palavra divina não puder se referir ao sentido próprio, nem à honestidade dos costumes, nem à verdade da fé, está dito que devemos tomar em sentido figurado. A honestidade da fé tem por fim o amor a Deus e ao próximo; a verdade da fé visa o conhecimento de Deus e do próximo. (*Doc. Chr.* p.170)

Segundo o que o método propõe, nas Escrituras Sagradas devemos entender como literal a expressão que mantém compatibilidade com a verdade da fé (conhecer Deus e o próximo) e a honestidade dos costumes, que podemos traduzir como uma forma de conduta que demonstre o amor ao próximo.

Mas como se valida a nossa interpretação do texto bíblico? Como podemos estar certos de que não estamos interpretando literalmente ao que se deveria dar uma interpretação metafórica e vice-versa? Agostinho responde:

(...) eis a regra a ser observada nas expressões figuradas: é preciso examinar o que se lê com minuciosa atenção, até que a interpretação seja conduzida a esse fim: o reino da caridade. Mas caso a dita expressão já possuir diretamente esse sentido, não se pense, pois, que aí exista expressão de sentido figurado. (p.178)

Embora o método proposto por Agostinho revele seu alinhamento com uma perspectiva de metáfora fundada, posto que aqui se reconhece um sentido que é primordial, verdadeiro, que se lastreia, é bem verdade que nele encontramos uma visão de literalidade que contrasta com aquela herdada de Aristóteles, em que o sentido literal é freqüentemente associado ao que é da ordem dos fatos empíricos: nas Escrituras Sagradas o sentido literal é de uma ordem ético-religiosa. Isto é, ele deve indicar o fim claramente definido da palavra divina: “Ora, a Escritura não prescreve nada a não ser a caridade (...)” (*De Doc. Chr.* p.171) O sentido literal é lastreado numa conduta que revele, tão somente, amor a Deus e ao próximo.

Tendo em vista toda a preocupação em se estabelecer um limite na interpretação bíblica, as reflexões de Santo Agostinho reservam à metáfora um lugar especial na linguagem religiosa, pois é nesse domínio, segundo o autor, que as expressões metafóricas conseguem ser preservadas da deriva interpretativa.

Nesse tipo de linguagem, a interpretação não pode ser vacilante, deve haver pertinência semântica. É necessário saber quando se está na esfera do metafórico ou do literal, sob pena de alcançar uma interpretação descabida, ilusória, longe da Verdade: “Ora, (...) A verdade encontra-se oculta por signos desconhecidos ou por signos de sentido figurado”

Ao definir o território da linguagem religiosa como um lugar especial de alcance da metáfora, Agostinho amplia a abordagem tradicional que restringe seu alcance à poética e retórica.

Cabe ressaltar, contudo, que ao reconhecer esse lugar especial da metáfora na linguagem religiosa o autor não despreza os outros “lugares” que à metáfora são alcançáveis. Como mostra o trecho abaixo, Agostinho mantém-se afiliado ao pensamento balizado pela tradição, admitindo a participação da metáfora nas tensões que estão envolvidas nas aspirações da linguagem poética:

(...) Aí se diz para a Igreja, louvando-a como uma bela mulher: ‘os teus dentes são como os rebanhos das ovelhas tosquiadas a subir do lavatório, todas com dois cordeirinhos gêmeos, e nenhuma estéril há entre elas’. Acaso, o fiel aprende aí

outra coisa do que ouvira há pouco, expresso em termos bem despojados, sem o auxílio dessas comparações? (p.98)

Neste exemplo, Agostinho coloca a apresentação figurada como mais agradável; ela é um auxílio na captura daquilo que há de melhor. Mostra o exemplo que pela linguagem poética é possível que as predicções de um rebanho possam ser assimiladas na formação de uma nova predicação para a Igreja, o que, no sentido literal, redundaria numa impertinência predicativa. Interpretar metaforicamente aqui é também desfazer qualquer possibilidade de impertinência semântica, já que estamos diante de uma apresentação alegórica.

O lugar que a metáfora ocupa na linguagem poética do texto bíblico é para Agostinho um lugar necessário. E isso o comentário que o próprio autor faz no final do trecho em análise nos permite dizer: “Acaso, o fiel aprende aí outra coisa do que ouvira há pouco, expresso em termos bem despojados, sem o auxílio dessas comparações?”.

Embora reconheça que a metáfora comparece também na linguagem do cotidiano:

Ademais, quase todos esses tropos, que se pretende aprender nos estudos liberais, encontram-se até na linguagem comum dos que nunca estudaram com os retóricos e contentam-se em falar a linguagem vulgar. De fato, quem não diz: ‘Assim floresças! (Sic floreas!)’? Aí está um tropo chamado metáfora (...). (p.191)

É na linguagem poética que Agostinho a vê como o recurso que possibilita um sobressalto da nossa visão ordinária das coisas, fazendo com que, da aproximação de campos semânticos distintos, nossa imaginação criadora faça emergir uma nova significação das coisas e abra caminho para que uma dimensão de verdade espiritual se instaure. A linguagem poética tem o poder de suspender os valores referenciais que nos são dados pela linguagem cotidiana e oferecer às palavras a possibilidade de um modo de ser diferente daquele reprimido, empobrecido e cristalizado pelo uso corriqueiro. Além disso, o trecho mostra a crença de Agostinho no valor instrutivo da metáfora, sobre o qual falaremos a seguir.

## 5.2 EFEITOS

Do que Agostinho propõe como efeito da metáfora, que tradicionalmente sempre foi vista como ornamentação, balizada por um pensamento que se debruça na materialidade da linguagem e que tenta confinar a metáfora no território da literatura e da retórica, ela é para esse filósofo um caminho que passa pelo plano sensível. A metáfora aparece no pensamento agostiniano também como o caminho que permite caminhar para além da letra. É fonte de *insight* e prazer. Tal efeito já foi anunciado na primeira parte do trecho abaixo, em que abordamos o alcance da metáfora na linguagem poética

(...) Aí se diz para a Igreja, louvando-a como uma bela mulher: ‘os teus dentes são como os rebanhos das ovelhas tosquiadas a subir do lavatório, todas com dois cordeirinhos gêmeos, e nenhuma estéril há entre elas’. Acaso, o fiel aprende aí outra coisa do que ouvira há pouco, expresso em termos bem despojados, sem o auxílio dessas comparações? Mas por qual razão parece mais agradável esta apresentação do que aquela proposta sem nenhuma comparação do gênero, tirada dos livros santos? (...). Basta dizer que ninguém contesta o fato de se aprender mais espontaneamente qualquer coisa com ajuda de comparações; e que se descobre com maior prazer as coisas que se procuram com mais facilidade. (p.98)

O trecho é uma declaração clara da caracterização da metáfora com efeito instrutivo, de *insight*. Ela nos leva a conhecer alguma coisa. O efeito aqui deflagrado convoca o momento lógico de percepção de semelhança. No exemplo, em que há a reunião do discernimento de semelhança com sensibilidade imagética que permite conhecer as características da Igreja: pura, imaculada, frutífera, encontramos uma metáfora com poder de mostrar “além do que olhos” podem ver por meio de uma combinação de elementos que olhos sempre viram”. A metáfora personifica a Igreja e fazendo-a comparecer no fluxo de uma ação ao invés de descrevê-la estaticamente e isso contribui para que o fiel descubra, muito mais prazerosamente, o que a Igreja representa para a tradição cristã, porque possibilita ao sujeito que busca interpretar a Escritura, o exercício de sua capacidade de diferenciação entre o imaginário e o real.

O efeito de *insight* prazeroso da metáfora se reconhece porque, num ato de transgressão da linguagem mais cotidiana, ela coloca em suspenso o sentido literal

e sua respectiva referência e nos ensina a ver as coisas de outro modo, proporcionando a descoberta de uma nova realidade. E, no caso específico da reflexão agostiniana, uma realidade espiritual. Vale lembrar que Agostinho não coloca o deleite, o prazer como a finalidade primeira da escritura, mas é como um importante artifício e para a transmissão das verdades sagradas cristãs de modo claro e agradável.

Num movimento que se volta para a perspectiva de Aristóteles, “*as palavras têm alguma significação (...) as mais agradáveis são as que nos trazem algum conhecimento (...) este efeito é muito particularmente produzido pela metáfora*” – Agostinho oferece uma concepção de metáfora que engendra conhecimento, e, mais ainda, uma metáfora que nos leva para além do plano sensível, que redescreve uma realidade pelo caminho indireto das comparações e “põe sobre os olhos” semelhanças que proporcionam, agradavelmente, um aprendizado que o caminho direto não proporcionaria.

Corroborando a afirmação de que para Agostinho a metáfora é fonte de *insight*, o trecho a seguir mostra que o próprio autor sustenta que as inúmeras metáforas no texto bíblico são, propositadamente, colocadas por Deus a fim de que o fiel, pelo esforço demandado, valorize as verdades descobertas:

Não duvido de que a obscuridade dos Livros Santos seja por disposição particular da Providência divina, para vencer o orgulho do homem pelo esforço e para premunir seu espírito do fastio, que não poucas vezes sobrevém aos que trabalham com demasia facilidade. (*De Doc. Chr.* p.97)

Para Agostinho, como mostra o exemplo, a metáfora nas Escrituras Sagradas, além de ser o recurso que viabiliza o acesso ao campo das verdades espirituais, tem um objetivo pedagógico divino. Deus deixou-as estarem repletas de metáforas, porque o exercício da descoberta da verdade espiritual num livro tão fecundo de sentidos despoja o espírito daquele que lê da preguiça e evita que o descoberto, por não ter sido facilmente acessível, caia na banalidade.

Verificamos na análise dessas passagens que, assim como no *corpus* aristotélico, no *corpus* agostiniano admitem-se duas potencialidades da metáfora reunidas: instruir e “pôr sobre os olhos”.

Se vimos até aqui o efeito de *insight* como uma virtude da metáfora, o caminho viável para se compreender as verdades da esfera espiritual, não tardamos em capturar nas reflexões de Agostinho um alerta sobre a *confusão* a que ela pode nos levar na prática da interpretação, como revelam os trechos abaixo:

Os que lêem a Escritura inconsideradamente enganam-se com as múltiplas obscuridades e ambigüidades, tomando um sentido por outro. Nem chegam a encontrar, em algumas passagens, alguma interpretação. E assim, projetam sobre os textos obscuros as mais espessas trevas.

(...)

Ao lado da observação que fizemos de não tomar uma expressão figurada, isto é, metafórica, como expressão de sentido próprio, é preciso acrescentar também a de não tomar uma expressão de sentido próprio como figurada. (*Doc.Christ.* p.170)

(...)

Com efeito, um homem que segue só a letra, toma como próprias as expressões metafóricas, e nem sabe dar significação verdadeira ao que está escrito com palavras próprias. (*Doc.Christ.* p.169)

Ao chamar atenção para o cuidado na interpretação das expressões metafóricas, Agostinho, admite a oposição metafórico/literal e associa a significação verdadeira ao sentido próprio, fazendo emergir seu alinhamento com a crença tradicional na metáfora fundada.

Além disso, o conjunto de trechos acima destacados nos permite supor que, na perspectiva agostiniana, a metáfora bíblica comporta uma certa semântica sagrada. Ela carrega um significado que é discernível espiritualmente, que vai para além da letra.

Ler as Escrituras inconsideradamente é esquecer de que elas são um conjunto de sinais a que Deus se acomoda para que a comunicação com o fiel se estabeleça e este chegue ao pensamento e à vontade divina. O uso da expressão metafórica oscila entre a insuficiência da letra e a força vivificante do espírito. Assim, o sentido literal seria mais corpóreo, superficial. Já o metafórico, mais místico, espiritual. Quem inverte essa ordem ao interpretar a Escritura Sagrada e vê na letra apenas o que ela representa literalmente está sujeito à sua servidão. Logo, está longe da revelação divina propriamente dita. A idéia que o exemplo nos oferece é a de que a teoria agostiniana supõe a existência de um significado

transcendental divino, uma palavra pré-vocálica, que mesmo “de fora” é capaz de controlar o processo da linguagem figurada.

Essa idéia de “semântica sagrada”, de desvelamento de verdades, também se oferece no trecho abaixo, no qual Agostinho sugere que as expressões figuradas aparecem propositalmente nas escrituras e que elas carregam um segredo divino cujo desvelamento é um efeito necessário para que se preserve a caridade, o fim a que se destina a Escritura:

Devem ser tomadas como expressões figuradas as palavras e ações pretensamente consideradas pelos ignorantes como iniquidades em referência a Deus ou a homens, cuja santidade a própria Escritura recomenda. Essas palavras encerram segredos e ações que precisam ser esclarecidos para a preservação da caridade. (*Doc. Christ.*, p. 174)

Agostinho, ao afirmar que os que lêem as Escrituras deliberadamente (e podemos compreender “deliberadamente” também como uma desconsideração com o fim prescrito pela própria escritura) se enganam, o autor aponta para a ilusão de uma falsa significação a que a metáfora pode nos levar.

Neste particular, parece figurar aqui um posicionamento de Agostinho que se assemelha ao de Locke quando este alerta para uma atitude vigilante com relação à linguagem, alegando que suas obscuridades podem nos levar ao erro, ao engano, impossibilitando-nos o acesso ao conhecimento árido e real. A diferença está no fato de que, enquanto Locke vê a metáfora (obscuridade) como um mal a ser dissipado a fim de que não sejamos iludidos e, assim, o acesso ao conhecimento verdadeiro seja possível, Agostinho admite que a metáfora pode iludir sim, mas em função de uma conduta equivocada do interpretante, não porque ela não seja confiável. Pelo contrário, já vimos anteriormente, é necessária pois é o único artefato de que dispomos para caminhar do plano sensível ao espiritual. Assim, discernir uma metáfora bíblica é fugir de uma percepção comum dada pela simples correlação literal/metafórico:

Ora, assim como o fato de se apegar materialmente á letra e aceitar os signos, em vez da realidade que significam denota debilidade servil; do mesmo modo, interpretar vã e inutilmente os símbolos é próprio do erro licencioso. (p. 170)

Essa análise nos permite inferir um certo comportamento “fundante” da metáfora. No texto bíblico ela se funda num absurdo literal. Algumas realidades espirituais só são discerníveis metaforicamente. Daí o alerta de Agostinho para o perigo de uma interpretação deliberada.

A visão de metáfora que aqui se oferece, a partir de seus efeitos é a de um perigo que precisa ser domesticado e que sua presença na Escritura Sagrada constitui um “mal necessário”. Se, por um lado, ela aparece como uma dificuldade a ser dissipada tanto pelo simples leitor como pelo exegeta bíblico, devido à confusão que pode gerar na interpretação das Escrituras, por outro lado, é também um recurso que viabiliza o acesso às verdades da fé, podendo nos levar a melhor compreensão:

logo, ainda que quase todos os feitos relatados no Antigo Testamento possam ser entendidos não em sentido próprio unicamente, mas também no sentido figurado, se o leitor os tiver tomado no sentido literal – pois os que praticaram tais feitos são louvados, não obstante serem estes incompatíveis com os costumes dos homens de bem, desde a vinda do Senhor, pelos fiéis aos preceitos divinos -, que esse leitor recorra ao sentido figurado para os compreender melhor. (idem, p. 185)

Este exemplo mostra, ainda, que a hermenêutica agostiniana trata de uma metáfora arqueológica; há todo um contexto histórico a ser considerado que ajuda na prevenção de uma interpretação absurdamente literal.

### 5.3

#### PROCEDIMENTOS

Uma vez feita a descoberta, se uma expressão é ou não de sentido figurado, verificar-se-ão as palavras que a constituem: se foram tiradas de coisas possuidoras de sentido análogo, ou se relacionada por sentido próximo. (idem, p. 186)

Os signos são figurados ou metafóricos quando as mesmas coisas, que denominamos com seu termo próprio são tomadas para significar algo diferente. Por exemplo, dizemos: boi e por essa palavra entenderemos o animal que se costuma chamar por esse nome e, além disso, entenderemos que se alude ao pregador do evangelho, conforme deu a Escritura na interpretação do Apóstolo, que disse: ‘Não amordaçarás o boi que tritura o grão’ (I Cor 9,9). (p. 106)

Captura-se de imediato, que também para Agostinho, o procedimento levado a cabo para a formação da metáfora, como mostra o trecho acima, é o de transporte, transferência de significado assim como aquela que encontramos em Aristóteles e que foi exposta no capítulo 2.

No caso específico das citações, vimos que a transferência se dá como um *desvio*. Um sentido próprio de uma palavra se transpõe de uma determinada para outra, e esse movimento exige do interpretante rejeitar previamente um sentido imanente, primeiro, e caminhar em direção à apreensão dos sentidos que se sugerem.

O trecho em destaque abaixo reforça a idéia de procedimento de transporte da metáfora, clarificando que o movimento de transposição de significado implica o desvio do uso corrente e requer um pedido de empréstimo a outro nome, reafirmando o alinhamento de Agostinho com a visão clássica como a figura que estabelece um ponto de semelhança entre dois termos, que numa relação analógica entre duas idéias, uma transfere determinadas características para a outra.

Essa variedade de sentidos, ao ser observada, apresenta-se sob duas formas: cada coisa pode significar algo diferente, de modo contrário, ou apenas de modo diverso. Por exemplo, é contrário, quando ou apenas de modo diverso. Por exemplo, é contrário, quando um só objeto é tomado analogicamente, ora para o bem ora para o mal. É o caso do fermento que acabamos de falar. Igualmente acontece com a palavra ‘leão’, que designa cristo na passagem em que está dito: ‘Eis que o leão da tribo de Judá venceu’ (Ap.5,5), e designa o demônio na passagem: ‘Eis que o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando quem devorar’ ( 1Pd 5,8). Do mesmo modo, a palavra ‘serpente’ acha-se também em bom sentido em: ‘Sede prudentes como as serpentes’ ( Mt 10, 16), em mau sentido em: ‘A serpente seduziu Eva por sua astúcia’ (2 Cor 11, 3). O pão é tomado em bom sentido em: ‘Eu sou o pão vivo descido do céu’ (Jo 6, 51), e em mau sentido em: ‘O pão tomado às escondidas é mais gostoso’ (Pr 9, 17). Todas essas passagens citadas não têm nenhum significado duvidoso, pois dadas como exemplo não podem senão ser evidentes. (p. 188, grifo nosso)

Vale lembrar, ainda, que o método de Santo Agostinho para a distinção entre o metafórico e o literal, em si mesmo, tem como procedimento subjacente a substituição. Vemos, porém, no método a metáfora salta a lexis. Aqui o esforço da interpretação não requer tão somente a substituição de uma palavra por outra ou de um discurso por outro, mas uma terceira via das coisas: a aplicação prática do que se lê. A substituição de um discurso por um ato benevolente, que define a

fronteira entre o literal e o metafórico. A proposta do método é que se substitua a expressão metafórica por um sentido que exprima um ato de caridade:

é preciso examinar o que se lê com minuciosa atenção, até que a interpretação seja conduzida a esse fim: o reino da caridade. Mas caso a dita expressão já possui diretamente esse sentido, não se pense, pois, que aí exista expressão de sentido figurado. (*Doc. Christ.*, III, p. 178)

Se essa equivalência semântica se confirma, essa expressão, no campo das Escrituras Sagradas, deixa de ser metafórica. Pois extrair um sentido que exprime a caridade é estar no sentido literal.